

Cidade de sonho, luta e trabalho

DF - Brasília

CRISTIANO GOMES

A professora Branca Bakaj e seu marido, o arquiteto aposentado Mário Bakaj, são pessoas que ao pisarem na terra vermelha de Brasília, no dia 8 de janeiro de 1960, logo se envolveram com a nova capital. Vindo do Rio de Janeiro - sem lenço nem documento, já que às vésperas do casamento Mário perdeu o emprego -, o jovem casal não pensou duas vezes em mudar de cidade. E de vida.

A proposta de trabalho feita

por um velho amigo, dono da antiga Construtora Nacional, foi irrecusável. "Viemos logo depois do convite. Sabíamos das dificuldades, mas a coragem foi maior", lembra a pioneira, com uma pontinha de saudade.

A primeira noite em Brasília foi dormida em um hotel. "Era revestido de vidro, e quem estivesse no térreo poderia ver sem problemas o movimento dos apartamentos", ri Branca.

No dia seguinte, ela e o marido passaram a viver em um dos

acampamentos típicos dos pioneiros da cidade: cheios de poeira e de casas de madeira, numa época em que os "lacerdinhas" (redemoinhos que se formavam na poeira dos acampamentos), não deixavam uma peça de roupa limpa no varal. Nessa difícil época, Branca engravidou de sua primeira filha.

Ratazanas - Uma das histórias que hoje conta às gargalhadas aconteceu no sétimo mês de gestação, quando recebeu uma visita nada agradável. "Havia por aqui

uns ratos enormes, que apelidamos de 'candangos', diz.

"Um belo dia, eu estava sentada numa poltrona quando um desses roedores entrou na minha casa. O desesperador foi que a ratazana ficou me olhando durante alguns minutos e mostrando os dentes para mim. A sorte foi que um amigo, o Lourival, passou pela janela, viu meu desespero e matou o rato", recorda a professora.

Outra boa história dos tempos da fundação da cidade era a das idas ao Núcleo Bandeirante, na

época chamado de Cidade Livre, para as compras. "Um motorista levava todas as donas de casa juntas, e o curioso é que ele sempre ia armado, temendo ataques às casas". E explica: "Naquele tempo existiam muitos solteiros à caça na cidade, e o homem tentava nos proteger."

Depois de muita batalha, Branca Bakaj, passou, em fevereiro de 1961, num concurso para o magistério e viu sua carreira decolar. Foi professora de literatura brasileira no antigo Ceub, passou pelo

Ginásio da Asa Norte, onde foi diretora, e pelo colégio Elefante Branco, que considerava uma grande escola. "Nossos alunos não precisavam de cursinho. Passavam de primeira para qualquer vestibular".

Aposentada, a pioneira mora no Lago Sul e preside a Associação Nacional dos Escritores, onde já vai para o terceiro mandato. "Hoje vejo a cidade grande e bonita fazer 41 anos e fico orgulhosa por ter contribuído diretamente para vê-la assim", diz.